

OS FILHOS DA REVOLUÇÃO

Renato Carreira

Dedicado a toda a gente.

© Renato Carreira 2013

ISBN: 9789899808010

Este livro pode ser distribuído livremente. No entanto, o autor pede que, sempre que possível, a partilha do ficheiro seja substituída pelo reencaminhamento dos eventuais interessados para a forma de obtenção gratuita do livro referida no site www.renatocarreira.com.

De igual forma, solicita-se que todas as citações refiram o título e o nome do autor e que o texto não seja modificado e distribuído com qualquer alteração do conteúdo.

A integridade e propriedade desta obra encontram-se protegidas pela legislação portuguesa do direito de autor.

Agradecimentos especiais aos leitores-cobaia e ao doce de gila "Casa de Mateus".

Visite o autor em: www.renatocarreira.com

Ou: www.facebook.com/ooutrocarreira

I

A carta não tinha nada que a distinguisse. Um envelope retangular de papel branco, um selo com patos, um carimbo por cima, o remetente e o destinatário impressos a preto. No canto superior esquerdo:

LaBouche & Associados, Lda. - Produções Artísticas e Audiovisuais
Avenida Heróis de Nacaxe, 47 A, 5º
1700-274 Lisboa

E, no canto inferior direito:

Exmo. Sr.
Júlio Mourão
Rua Violeta Miranda Ribeiro, 23, 2º Esq.
2512-022 Marvide

As notícias que continha teriam sido entregues pelo telefone, mas o destino impediu que seguissem esse caminho e motivou a meia dúzia de linhas numa folha de papel dobrada em três partes e enfiada num envelope selado com saliva, à antiga. Foi levada de um escritório com outros envelopes, diferentes por fora apenas nos destinatários e no desenho que ilustrava os selos de valores diferentes. Havia faturas, contratos, um cheque ou outro, mas nenhuma das outras cartas repetia as mesmas palavras. Algumas foram enviadas com registo, outras por correio expresso e outras ainda em correio normal. Aquela teve direito a correio expresso, privilégio que não coube, por exemplo, a duas cartas que comunicavam despedimento a dois funcionários (ex-funcionários a partir do momento em que as recebessem): uma assistente de produção considerada redundante e um cenógrafo improvisado, com diploma de uma boa escola de arquitetura, que passara os dois meses anteriores dedicando-se exclusivamente a afiar lápis e a repor papel no tabuleiro da impressora. A primeira passaria meses difíceis por culpa da sua carta, choraria muito, arrastar-se-ia por uma longa depressão, seria repudiada por amigos de longa data fartos de lhe ouvir os queixumes, faria amigos novos num momento mais alegre, perdê-los-ia também a eles e acabaria por conhecer o amor da sua vida numa sessão de terapia conjunta para

deprimidos, casando, tendo filhos e realizando-se como gerente de um negócio de compotas feitas por encomenda. O segundo leu a carta que lhe foi enviada uma única vez, amarrotou a folha e o envelope, deitou-os fora e nem sequer lhes atribuiu grande importância. Um dia, semanas depois, saiu de casa de madrugada e atirou-se de um viaduto abaixo, tendo morte instantânea.

Curiosamente, um dos funcionários responsáveis por apagar a mancha vermelha sinistra deixada no alcatrão pelo suicida também tinha recebido uma das cartas enviadas em simultâneo. A sua tinha selo com uma personagem histórica obscura e míope e anunciou-lhe que fora rejeitado no *casting* para figurantes de uma grande produção televisiva passada no século XVII. Não o surpreendeu. Sabia perfeitamente que não tinha cara para figurante do século XVII. O nariz era arqueado demais. Os olhos demasiado juntos. Para figurante do século XVIII, talvez, mas XVII nem pensar. Era nisso que pensava enquanto esfregava o alcatrão manchado com uma escova de cerdas rijas e cabo longo.

Alheia ao destino das suas irmãs de envio, a carta lá foi, transferida de um tabuleiro de recolha de correspondência no posto dos correios onde foi depositada, para um grande saco de lona tingido com as cores da bandeira e com o trombeteiro montado que representava o serviço postal. Esse saco e outros semelhantes foram levados para uma carrinha vermelha que os fez chegar a um edifício amplo e barulhento. No interior, os sacos foram vertidos para novos tabuleiros e cada um foi confiado a um funcionário que se ocupou de pegar em cada uma das cartas e encomendas, distribuindo-as por outros tabuleiros de acordo com os destinatários. Um desses tabuleiros foi reservado à correspondência que faria a curta viagem entre Lisboa e Marvide. Não tardou a encher-se, mas, por isso mesmo, tinham sido colocados de prevenção outros três tabuleiros por perto. Um deles encheu, o segundo ficou pela metade e o terceiro não foi preciso.

Mãos experientes e braços fortes vieram buscar os tabuleiros e despejaram o conteúdo para dentro de mais sacos, que voltaram a ser carregados em carrinhas vermelhas. Uma delas, conduzida por um homem que, nessa mesma manhã, acordara ao lado de uma mulher que não era a sua e se deixava corroer pelo remorso, deixou a cidade e, depois de uns quarenta minutos de trânsito lento, chegou ao subúrbio de Marvide, parando junto às traseiras de uma das duas estações de correios que serviam a numerosa população local. Um saco foi levado para o interior e esvaziado sobre mais um tabuleiro, quase idêntico aos outros todos, e a carrinha partiu pouco depois para entregar o resto da carga.

Dentro da estação de correios, numa área resguardada da zona de atendimento ao público, duas mulheres distribuíam as cartas no tabuleiro por várias pilhas sobre a mesa que tinham à frente. A que se sentava à esquerda trabalhava ali há sete anos e há quatro que se apaixonara perdidamente pela mulher que ocupava a cadeira a seu lado. Nunca lho dissera. Pela milésima vez, pensava se deveria ou não ganhar coragem e entrecortava estes pensamentos com a leitura apressada das moradas em cada envelope. No momento exato em que os seus dedos libertavam a carta contendo notícias para Júlio Mourão na pilha destinada à zona norte de Marvide, chegou-lhe ao nariz o habitual perfume baunilhado da sua amada secreta e isso bastou para a fazer enganar-se e colocar a carta seguinte na pilha errada.

O horário de encerramento chegou pouco depois e a correspondência permaneceu distribuída pelas diversas pilhas durante a noite, assistindo em silêncio à cópula suada de dois funcionários que ali voltaram depois de jantar, a pretexto de horas extraordinárias, para fazerem coisas que seriam feitas com maior conforto num local com menor concentração de agrafadores e lápis pontiagudos. Eram casados, mas não um com o outro. O marido da mulher estava em casa com os dois filhos. A mulher do homem estava acamada num lar. Ele fazia-o por luxúria e solidão, ela porque lhe era inferior na hierarquia e esperava obter benefícios. Não era a primeira vez e, quando terminavam, ele sentia-se sempre miserável e jurava não repetir. Ela não.

De manhã, a pilha que continha a carta endereçada a Júlio Mourão foi levada por um carteiro muito alto e magro, que a introduziu dentro de um saco de cabedal juntamente com outras duas pilhas e um punhado de encomendas. Saiu com o saco e alojou-o na mala de uma motorizada, enfiando o capacete e iniciando a ronda. Muitos anos antes de distribuir o correio, tinha cometido um crime hediondo, mas já quase não pensava no assunto. Nunca fora castigado e sabia que nunca viria a ser.

Fez várias paragens pelo caminho e percorreu várias ruas a pé até chegar à Rua Violeta Miranda Ribeiro, batizada em honra de uma cantora lírica mediana que uma doença incurável levava na flor da idade e que, depois da morte próxima do seu viúvo, um nonagenário senil que se decompunha em vida num apartamento minúsculo e malcheiroso no extremo oposto da cidade, não voltaria a ser lembrada por ninguém.

O prédio com o número 23 fora construído trinta anos antes como projeto de estreia de um empreiteiro jovem e ambicioso. Tinha quatro andares com marquises e boas áreas e seria o primeiro de quatro iguais construídos na mesma rua. Mas uma crise imobiliária chegou na pior altura e o empreiteiro faliu sem remédio e perdeu tudo o que

tinha. Iniciou aí uma queda vertiginosa e acabou a trabalhar como servente de pedreiro na velhice, desbaratando o seu miserável ordenado em vinho que o corroía por dentro.

O apartamento situado do lado esquerdo de quem subia as escadas, no segundo andar, teve duas ocupações antes de ser alugado a Júlio Mourão. Foi comprado por recém-casados que aí viveram dezoito anos, criando dois filhos e acabando por recorrer ao divórcio quando deixaram de se suportar. Venderam o apartamento a um homem que ganhava a vida cobrando rendas, que o alugou depois de breve remodelação a um casal de imigrantes africanos. A mulher trabalhava nas limpezas e o marido, depois de uma curta e dolorosa passagem pela construção civil, fez-se ao mar como embarcadiço e conseguiu juntar dinheiro suficiente para se mudarem para uma casa maior e para trazerem de Cabo Verde os dois filhos que lá tinham deixado ao cuidado de uma avó.

O carteiro pressionou três campainhas ao acaso à entrada do prédio, ouviu a voz da mesma velha esperançosa que todos os dias lhe perguntava quem era, respondeu e empurrou a porta de mola com vidraça decorada com veados. Distribuiu as quatro cartas que trazia pelas ranhuras. Duas contas para o primeiro andar, publicidade de um dentista sem diploma mascarada de correspondência e a carta para Júlio Mourão, que permaneceria na penumbra da caixa durante longas horas até o destinatário regressar, amaldiçoando-se por não ter conseguido resolver o assunto que o fizera sair de casa naquela manhã.

*

O número quarenta e nove vermelho eternizava-se no quadro eletrónico por baixo das palavras "SUA VEZ". Um velho de braço engessado pigarreou pela terceira ocasião em poucos minutos. Não custava adivinhar que seria o portador da senha com o número cinquenta. Tudo em redor era verde. O balcão ondulado e com luzes néon era verde-escuro, as cadeiras em que iam desesperando os clientes seguintes eram verde-claras, as camisas dos funcionários eram verde-alface. A porta atrás do balcão (pintada com um verde inqualificável entre casca de melancia e muco nasal) abriu-se finalmente e a funcionária regressou, trazendo uma folha de papel e ostentando cara de quem tinha más notícias para transmitir. Uma placa cor de latão esverdeado ao peito proclamava o seu nome: Susete França. Pousou a folha de papel sobre o balcão e fez cara de caso.

— E então? — perguntou o cliente.

A cara de caso adensou-se.

— O seu número encontra-se bloqueado.

Precisou de grande esforço para não golpear o balcão com a cabeça. O material não parecia muito sólido e não lhe apetecia pagá-lo. Nem tinha dinheiro para o fazer.

— Se puder ajudá-lo noutra assunto, terei todo o gosto em...

Pediu-lhe silêncio erguendo uma mão. Estava determinado a levar as coisas com calma. Atrás dele, o velho pigarreava pela quarta vez.

Começou, falando de forma lenta e pronunciando muito bem cada sílaba:

— Lembra-se do que lhe disse quando aqui cheguei?

Susete França, a funcionária verde, ergueu os olhos por um segundo.

— Que tinha recebido uma mensagem a informar que o número seria bloqueado — respondeu, notando-se uma centelha de júbilo por ter acertado na resposta.

— Isso mesmo. E?

Mais um esforço para responder segundo o manual.

— Lamento, mas não podemos fazer nada. O bloqueio é permanente.

— Permanente em permanência ou só até preencher o papel certo e pagar para o desbloquearem?

— Ouça, o conselho que lhe dou é que compre outro cartão. Este número já não existe. — Era desejo de ser prestável. Ou algo vagamente parecido.

— Não posso fazer isso. Esperava telefonemas importantes neste número. Contactos profissionais!

— Lamento, mas não há nada a...

— Foi bloqueado porquê? — aquilo pareceu apanhá-la desprevenida.

— Porquê?

— Sim. Algum motivo terá havido. Ou não?

— Bom... sim... claro... — Lembrou-se finalmente de baixar o olhar para a folha de papel que trouxera. Começou a lê-la muito devagar, movendo vagarosamente os olhos pela folha abaixo. Quando chegou ao fim, voltou-a e repetiu o procedimento. Parou mais ou menos a meio, apontando um campo que ocupava dois terços do verso da folha. Continha apenas um par de linhas rabiscadas a caneta. Apontou-as com o indicador.

— Está aqui. — Leu. — Utilização abusiva em violação do acordo de prestação de serviço.

— E como violei eu o acordo de prestação de serviço?

Baixou novamente o olhar para a folha.

— Bom... — disse. Continuou a procurar. — Um momento. — Dirigiu-se novamente à porta e desapareceu no interior, levando a folha consigo. O velho voltou a pigarrear.

— Tome uma pastilha para a garganta! — disse o cliente de pé, quase gritando e sem olhar para trás. Ouveu o pigarreador bufar de ultraje. A porta verde tornou a abrir-se e Susete França saiu. Acompanhava-a um sujeito de cabelo cortado rente e salpicado de branco. Passou-lhe a folha para a mão e apontou. A seguir, posicionou-se atrás de outro ponto do balcão e pressionou o botão que fez o mostrador avançar finalmente para o número seguinte com um tilintar irritante. O recém-chegado vestia outra camisa verde igual. A placa de bronze esverdeado identificava-o: Carlos Pires. Aproximou-se.

— É o senhor com o número bloqueado? — perguntou, sabendo perfeitamente que sim.

— Sim. Gostava muito de saber porquê.

Um meio sorriso.

— É um assunto um bocado delicado. Mas não se preocupe que é completamente confidencial.

— Não estava preocupado.

— Bom... De acordo com os nossos registos, o senhor usou o número em questão para ligar para vários serviços de valor acrescentado. Como o total em dívida ultrapassava largas dezenas de milhar, optámos por bloquear o número para facilitar. É política da empresa. O cliente liberta-se da dívida e a operadora poupa a publicidade negativa porque as pessoas nunca admitem e a opinião pública fica sempre do lado do consumidor. Compreende?

— Compreendo. Posso saber que serviços foram esses para onde dizem que liguei?

— Claro. Está no seu direito. — Olhou para os clientes que esperavam sentados e aproximou a cabeça antes de dizer em voz baixa: — Linhas de teor... digamos... erótico. — A discrição teria sido maior se não tivesse elevado a voz precisamente na última palavra. Na cadeira mais próxima do balcão, alguém disse: "Tsss."

— Deve ter havido um engano qualquer. Nunca liguei para uma linha dessas.

O meio sorriso tornou-se sorriso completo.

— Não se preocupe que não o estou a julgar. — Baixou outra vez a voz: — Eu próprio também aprecio divertir-me. — E regressou ao tom normal: — Mas é a política

da empresa. Se dependesse de mim, era outra questão. Seja como for, não há nada a fazer. Nunca anulamos bloqueio de números. Penso que será tecnicamente impossível.

— Será a vossa palavra contra a minha. Ou há provas?

Uma indignação muito ligeira.

— Temos os registos de todas as chamadas feitas a partir daqui. — E cercou o número impresso num canto superior da folha de papel com um rabisco de esferográfica. — Qualquer tribunal nos dará razão. Mas preferimos facilitar a vida às pessoas.

Por baixo do número, havia um campo preenchido com os dados pessoais do titular.

— O que é isto? — perguntou o cliente, apontando.

Carlos Pires, o pornófilo cúmplice, olhou.

— São os seus dados.

— Não são.

Voltou a olhar.

— Como? Este não era o seu número de telefone?

— É. Era... Mas o nome que está em baixo não é o meu. E a morada também não.

— Júlio Francisco Leite Pinto Mourão? — leu Carlos Pires. — Tem a certeza?

— Absoluta. — Júlio Alberto Rocha Mourão levou a mão ao bolso e retirou da carteira o documento que o identificava como titular daquele nome e não de qualquer outro. Mostrou-lho.

— Hmm... Realmente. Nunca nos aconteceu nada assim.

— Não tem importância. Quando voltarei a ter o número ativo?

Um olhar fixo durante breves segundos antes da resposta.

— Não altera nada do que lhe disse. O bloqueio de um número é irreversível. É como se já não existisse.

Um suspiro. Horas perdidas em vão. Mesmo que não tivesse nada melhor com que ocupar o seu tempo.

— E agora?

— Bom... Pode apresentar uma queixa.

— Demora muito?

— É só preencher um papel. Um instantinho.

— Sendo assim...

Deu um passo atrás e voltou a avançar. Esquecera-se de algum pormenor importante.

— Lamentamos muito o incómodo, estudaremos a reclamação com o máximo cuidado e tomaremos as providências necessárias. A satisfação dos nossos clientes é importante para a *Voxitel* — recitou.

A seguir, saiu pela porta verde. Cinco minutos depois, estava de volta e colocou sobre o balcão o formulário de reclamação com cinco páginas. Em triplicado.

*

Júlio Mourão chegou a casa com um palavrão atravessado no goto. Não se conformava. Era uma injustiça dupla. Porque era castigado por crime não cometido e porque lhe era imposto aquele estigma à sua reputação. Não que tivesse reputação. Nem boa nem má. Era precisamente uma das coisas que o incomodava na sua vida e que ia procurando alterar sem sucesso. Claro que não se esforçava assim tanto e, em dias de menos ilusão, até conseguia admiti-lo, mas apenas para si mesmo. Esforçara-se muitas vezes no passado. Algumas vezes. Uma vez ou outra, pronto. Mas mais do que muitos e, sem dúvida nenhuma, conseguindo resultados melhores do que alguns. Quase de certeza. Provavelmente.

Mesmo que não se esforçasse tanto como poderia ou deveria, mesmo que passasse mais de um quarto do seu tempo a tentar trabalhar, à espera de ideias que lhe caíssem do céu e o atingissem de forma violenta e inequívoca no alto da cabeça (de preferência com um anexo explicando qual a melhor forma de as desenvolver e de conseguir rentabilizá-las), a fingir que trabalhava ou a inventar pretextos para não trabalhar. E mesmo que, do tempo que restava, dois quartos do dia fossem para dormir.

Fosse como fosse, o esforço não era a única forma de triunfar na vida. Muitos conseguiam fazê-lo com muito pouco ou mesmo nenhum esforço. E a escolha desses felizardos ou era absolutamente arbitrária, dependendo de acasos incontroláveis, ou dependia de fatores que não lhe eram acessíveis. Não era bonito, não era rico, não tinha amigos nos lugares certos. Nem sequer era particularmente inteligente, original ou interessante.

A mediocridade em que se arrastava por manifesta incapacidade de se elevar acima dela era o que mais lhe corroía a alma e, com cada dia de total frustração, mais nacos roubava à sua já muito esboroadada motivação. Era como se tivesse sentados em

cada ombro o anjo e o diabrete da consciência dos desenhos animados. O diabrete dizia-lhe: "Deixa-te disso. Perde a esperança. É uma parvoíce. Nunca serás ninguém. Nunca farás nada. Ninguém quer saber. Riem-se de ti. Ou então têm pena, o que é pior ainda. Dá-te ao respeito. Faz-te um homem. Ganha juízo." E assim sucessivamente. Já o anjo, era mais sintético: "Ouve o que diz o meu sócio ali do outro ombro. Sabes que não costumamos concordar em muita coisa, mas tenho de dar a asa a torcer. Está cheio de razão."

Suspirou e abriu a porta de casa. A voz de uma apresentadora esganiçada enunciava num reclame as delícias do bom trânsito intestinal proporcionado por um iogurte carregado de bichos microscópicos. Quando fechou a porta, lembrou-se claramente de que não ligara a televisão antes de sair. O cheiro a sabonete que pairava no ar reforçava a suspeita. Alguém lhe tinha entrado em casa.

Não se preocupou muito. Estava bastante seguro da identidade do invasor.

Na sala, um par de pernas magras e pálidas erguia-se no ar, com os calcanhares fincados na parede. Estavam ligadas a um corpo enrolado numa das suas toalhas maiores e colocado sobre o sofá. A cabeça pendia e gotas que pingaram do cabelo escuro molhado tinham formado uma mancha molhada na carpete. Aproximou-se da televisão e desligou-a.

— Dás-me licença que entre? — perguntou.

— Hmm? — Nem sequer olhou para ele. Continuou a passar os envelopes equilibrados sobre o peito. — Olha lá, tu nunca vês o correio?

— Vejo. Quando me lembro.

— E quando te lembras? Nunca?

— Quando as cartas começam a sair pela ranhura. É uma boa altura. Ninguém me escreve.

— Coitadinho — disse, com voz de troça. Passou mais alguns envelopes de contas e panfletos publicitários e parou num retângulo de papel colorido, voltando-o do avesso. — Olha um postal. Afinal há alguém que te escreve.

— De quem é?

Leu.

— Não tem remetente. Está assinado "Patrícia". Quem é a Patrícia?

— Boa pergunta. Deixa-me ver isso. — Aproximou-se e estendeu a mão. Segundos depois, voltou a recolhê-la. Era inútil.

— É alguém que foi a um sítio chamado Naxos. Bonito. Casinhas brancas e mar azul. Isto onde é? Caraíbas?

— Grécia, acho eu.

— Diz que está a gostar muito e que o cruzeiro está a ser "espetacular". E que o Gustavo também está a "adorar". Gustavo? — Olhou-o e viu-o abanar a cabeça e encolher os ombros. — Acrescenta que têm de combinar um almoço quando voltar para te contar a viagem. Manda-te "beijinhos". Andas enrolado com ela? É a outra? E o Gustavo também brinca? Traíste-me, Júlio Mourão?

— Não sei quem é. A sério. E talvez seja melhor lembrar-te que deixámos de namorar há quase seis anos. E que és casada. Com um advogado rico, dono de um apartamento de luxo num condomínio fechado. Um apartamento que, segundo me contaste, terá umas cinco casas de banho. Com chuveiros, banheira e *jacuzzi*.

— São só três casas de banho. Duas com chuveiro e uma com banheira. Não há *jacuzzi* nenhum — disse, passando-lhe o postal. — A tua casa fica mais perto do trabalho. — E continuou a passar envelopes.

— Qual trabalho, Luísa? — Olhou o postal por um segundo e pousou-o na mesa sem ler. — Pagam-te para fazer cócegas a órgãos de igreja.

— É verdade. Mas prefiro dizer que faço um levantamento nacional de órgãos barrocos. E a ti pagam-te para escrever livros infantis religiosos. És um autêntico operário da lavagem cerebral. Como se chamava o último?

— "O Corpo da Teresinha é Um Templo Sagrado." Dizer que sou pago é um exagero. Dão-me algum dinheiro às vezes. Quando lhes apetece. Acho que o fazem como esmola. São gente de muita caridade.

— Ensinaste as teresinhas do mundo a dormir com as mãos por cima do lençol para evitarem toques pecaminosos durante o sono?

— Não é assim tão mau. Há um lado moralista, mas acho que o texto está bem construído e a narrativa é coerente. — Não era a primeira vez que o dizia. Continuava a não se conseguir convencer. Baixou os olhos para os pés. — É horrível. — E voltou a olhá-la, vendo-a abrir um envelope. — Ia vomitando várias vezes enquanto escrevia. Tenho de ter um balde aos pés. O que é isso?

— Hmm... — Leu mais algumas linhas. — Agora podes pagar as quotas do ginásio por transferência bancária. — Torceu o pescoço para lhe olhar primeiro a cara, depois a barriga e novamente a cara. — Um ginásio?

— Tenho de cancelar. Só lá fui duas vezes. Como está o João?

— Paulo.

— Como está o Paulo?

— Fino. O Paulo está fino. — Atirou ao chão com movimento floreado um panfleto anunciando os serviços de um dentista.

— Filhos em breve?

Olhou-o, escandalizada, e devolveu a sua atenção à brochura que anunciava uma "magnífica excursão a Santiago de Compostela com oferta de um aspirador".

— A primeira mulher satisfizes-lhe os instintos paternos. Eu dou-lhe outras coisas.

— Que coisas? — perguntou, sentando-se numa ponta do sofá e erguendo a brochura que Luísa pousou. Nunca fora a Santiago de Compostela. E o pó acumulado em redor testemunhava a necessidade de um aspirador.

— Sabes muito bem. — Deu uma cambalhota e pousou os pés no chão. Não pareceu preocupá-la que a toalha tivesse escorregado. Voltou a colocá-la no sítio e olhou-o com um sorriso malicioso. — Ou estás a ser brejeiro? Estás a ver se me convences a... coiso? — Piscadela de olho exagerada. — Tens saudades?

— Nem por isso. — Colocou as mãos nas ancas e fez cara de ofendida. — Sempre que nós... coiso, odiavas.

— Não sejas injusto, pequenino. Nem sempre. Seja como for, isso é só uma suposição tua. Não tinhas forma de saber.

— Pois não. Mas disseste-mo tantas vezes depois de o fazermos que comecei a acreditar que não era só para me arreliar. Às vezes, também dizias durante.

— Dizia? — parecia verdadeiramente surpresa.

— Sim.

Pensou por um instante.

— Hmm... Talvez dissesse. Deixa lá. Há coisas piores.

— Também dizes ao Paulo?

Saiu pela porta que conduzia ao quarto. Antes de passar, pousou a última carta que restava na estante colocada ao lado da porta.

— Não — disse. Um estrondo. — Foda-se. Bati com o pé. — Um instante em silêncio. — Ao Paulo não preciso de dizer.

Júlio Mourão pegou na carta do ginásio. Fora duas vezes. A última no ano anterior.

— Como estão a correr os órgãos barrocos? — perguntou, elevando a voz.

— Está tudo muito calmo — respondeu.

— Não tens de apresentar resultados?

— Não me fales nisso. — Outro estrondo. — Porra! Outra vez. A tua casa está cheia de esquinas. — Ouviu-a sentar-se na cama. — E tu? Qual é o tema do próximo livro?

— O aborto.

Pousou um pé calçado no chão.

— Calculo que a Teresinha seja contra.

Pousou o outro e levantou-se da cama.

— É. O Simãozinho também. É por isso que vão organizar uma vigília pelos fetos assassinados com os outros meninos do colégio queque. — Ouvindo o que dizia, o vômito ameaçava trepar-lhe pela garganta.

Luísa saiu e levou a mão à carta que deixara na estante. Abriu-a e começou a ler, encostando-se à ombreira da porta.

— Tens escrito coisas sérias? — perguntou, sem erguer os olhos do papel.

— Nem por isso. Não me tem apetecido. Nem sei bem o que escrever. Fiz muitas coisas diferentes nos últimos meses e estou à espera de saber se alguém está interessado. Mas não tenho grande fé. Fui-me habituando a esperar o pior. A desilusão é menor assim. Mas ainda não desisti. Acho que tenho algumas coisas com algum valor ali na gaveta... Não estás a ouvir nada disto, pois não?

— Hmm? — perguntou ela, lendo.

— Bem me parecia.

— Quem é a Vanda de Sousa?

— Não sei. Quem é?

— Não faço ideia. Escreveu-te uma carta.

— Talvez seja alguma admiradora secreta. Oferece-me prazeres proibidos e badalhoquices feitas às escuras?

— Não.

— Badalhoquices às claras? Começo a ficar interessado.

— Ouve. — E começou a ler alto. — "Excelentíssimo senhor Júlio Mourão." Excelentíssimo. És tu, portanto.

— Sou eu.

— "Lamentamos o contacto por carta, mas o número de telefone que indicou na sua proposta encontra-se fora de serviço." — O destinatário pôs-se de pé e deu dois passos para Luísa, fixando nela os olhos arregalados. — "Pedimos-lhe o favor de nos

contactar para o número...", vem aqui um número, "... para efeitos de marcação de uma reunião com o senhor Flávio LaBouche para discutir a produção da sua peça 'Os Filhos da Revolução!'" — Olhou-o. — Isto é bom? — E leu o que faltava. — "Sem mais assunto..." Etcetera, etcetera. "Despeço-me cordialmente. Vanda de Sousa."

Júlio cobriu a pouca distância que os separava e arrancou-lhe o papel das mãos, deixando-a com um canto solto preso entre os dedos.

— Que bruto! — exclamou.

Mas não a ouviu. Lia avidamente a carta de alto a baixo e com grande rapidez. Quando terminou, ergueu a cara para Luísa e libertou da garganta algo que podia ser um ameaço de gargalhada ou apenas um gemido arrastado e agudo. A seguir, leu outra vez, para ter a certeza.

— É bom? — perguntou Luísa, enquanto procurava a mala e imediatamente antes de a localizar na bancada da cozinha.

— É. Muito bom. — Começou a ler pela terceira vez. Apenas pelo gozo que lhe dava confirmar que as palavras diziam mesmo o que pareciam dizer. Era excelente. Há muito tempo que não tinha notícias tão boas. Nem se lembrava de quando acontecera pela última vez.

— Fico feliz por ti. — Levou a mão ao cabelo. Não parecia nada impressionada. — Tens de comprar um secador. Vou andando.

— Já? — Aproximou-se e abraçou-a. A seguir, divertiu-se com a cara que lhe fez. — Bebe mais um copo. Toma mais um banho.

— Não. — Dirigiu-se para a porta, perplexa. — Ficaste esquisito. Depois quero que me contes pormenores da peça. — Duas horas depois, já não se lembraria. Tchau, boneco. — Levou a mão à porta da rua e abriu-a. Nunca antes lhe tinha chamado "boneco" ou coisa semelhante.

— Podes deixar a chave aí no chaveiro. Já a tens há tempo de mais.

Sorriu-lhe, piscou o olho e retirou do bolso a chave que nunca lhe devolvera. E que não devolveu antes de puxar a porta.

Ouviu-a descer pelas escadas abaixo, cantarolando qualquer coisa mexida. Estranhamente, não lhe pareceu que a escolha de melodia fosse inteiramente desadequada.

II

A mulher sentada atrás da mesa, a primeira coisa que viu ao entrar, esboçou-lhe um sorriso tão radiante que o fez pensar no holocausto nazi. E na fome em África. Em crianças sofrendo de doenças terminais e dolorosas. Crimes atrozes. Homicídios rituais. Facas com lâminas de muitas pontas, todas afiadas. Banhos de gasolina e um cigarro logo a seguir. Havia uma maldade profunda naquele sorriso. E na forma como alastrava dos dentes impecavelmente brancos aos olhos verdes que o exagero da expressão forçava a semicerrarem-se. O cabelo era ruivo falso e o nariz ligeiramente adunco. Podia ser uma ideia absurda, mas parecia-lhe que também o nariz lhe sorria. Era qualquer coisa na forma como as narinas se abriam, ampliando aqueles poços gémeos da mais negra perfídia.

— Bom dia — disse-lhe, com voz que parecia mergulhada em mel, salpicada com açúcar e envolta por uma mistura agonizante de meiguice e bondade. — Posso ajudá-lo?

Era difícil resistir ao impulso de fuga.

— Bom dia. Chamo-me Júlio Mourão — disse Júlio Mourão, demonstrando grande nervo.

— Sim? — A interrogação arrastava-se, subia ligeiramente de tom e era muito musical. Cada nota continha partes iguais de prestabilidade e ódio profundo pelo mundo. Era como se a mulher quisesse abrir os braços e abraçar todos os habitantes do planeta, humanos ou não, grandes ou pequenos, e asfixiá-los numa calamitosa demonstração de carinho homicida.

— Enviaram-me esta carta — levou a mão ao bolso e passou-lhe o envelope dobrado. As sobrancelhas quase completamente anuladas a golpes de pinça moveram-se por um instante ao reconhecer o envelope e retirou o papel do interior. Não precisou de ler mais que uma linha.

— Sim. O Sr. Júlio Mourão. Com certeza. — De repente, o sorriso inverteu-se. A expressão de tristeza fingida parecia inspirada por uma criança a quem tivesse sido oferecido um grande molho de balões por alguém que, logo a seguir, se dedicasse a estourá-los todos meticulosamente com um alfinete. — Lamento, mas houve uma mudança de planos e o Sr. LaBouche já não poderá recebê-lo. Sinto muito.

— Mas... — começou Júlio, olhando um broche que a mulher trazia ao peito e que parecia feito de pastilhas elásticas mastigadas de várias cores. Por algum motivo

bizarro, veio-lhe à cabeça a imagem de um cesto cheio de gatinhos com laçarotes. Foi suficiente para o impedir de continuar.

— Teríamos avisado, mas continuámos a não conseguir contactá-lo por telefone — explicou a mulher, aligeirando um pouco a expressão de pesar.

— Pois é. Tive um problema com o telefone. — Sobre a mesa, que parecia uma laje de mármore polido de feitio irregular, havia uma agenda forrada com pano florido. O cesto de gatinhos foi substituído por um tabuleiro de veludo macio sobre o qual passeavam adoráveis pintos de penugem amarela. — O Sr. LaBouche já não está interessado na minha peça?

— Receio que não. — O sorriso regressou. Tão psicótico como antes. — Mas não perca o ânimo. Arquivámos o seu texto numa gaveta especial onde guardamos projetos para execução futura. — E órgãos ressequidos. De certeza que a gaveta também conteria órgãos humanos ressequidos. — Num futuro próximo, quem sabe... Aqui entre nós, não seria a primeira vez. O Sr. LaBouche muda de ideias muitas vezes. É conhecido por isso. Sabe como são os génios.

O ânimo que Júlio Mourão sentira desde que ouvira Luísa ler a carta no dia anterior e que o deixara entorpecido desde então, mesmo enquanto ligava para ali de um telefone público, para marcar aquela reunião, e enquanto relia o texto terminado cinco meses antes, após ano e meio de trabalho, e ia anotando possíveis melhoramentos, desapareceu imediatamente e sem deixar rasto. A mulher continuava a sorrir.

— Mas ontem, quando liguei para cá, disse-me que viesse às onze e meia — lembrou. Não conseguiu impedir que a frase se transformasse num queixume.

— Ontem por essa hora ainda não tinha mudado de ideias. — Um ligeiro espasmo no olho direito. Quase impercetível, mas estava lá.

— Posso saber o que levou o Sr. LaBouche a mudar de ideias?

Novo espasmo. E uma palavra brusca que não fez vacilar o sorriso.

— Não.

Na cabeça de Júlio Mourão, os pintos amarelos adoráveis foram esmagados por uma marreta, tingindo o veludo com pequenas manchas de sangue, penas e minúsculos órgãos e ossos moídos. Não havia nada a fazer. A secretária voltou a guardar a folha no envelope, dobrou-o como estava e estendeu-lho. Os seus desagradáveis pintos mentais esborrachados não eram bem-vindos na decoração minimalista impecável. Moveu a mão para receber a carta, resignado. Perder de vista o sorriso, pelo menos, seria uma grande melhoria.

— Uma merda, Flávio!

A porta do gabinete abriu de rompante. A mulher a quem pertenciam as palavras era alta, com um bronzado perfeito e cabelo castanho-escuro de anúncio de champô. O vestido verde focava atenções nas mamas grandes, perfeitamente redondas e tão pouco naturais como os lábios carnudos ou o nariz minúsculo e arrebitado. A única coisa legítima naquela cara eram os olhos grandes e castanhos. Fora realmente bonita outrora, vários golpes de bisturi e retoques de seringa antes. Agora, era apenas muito decorativa.

Júlio reconheceu-a. Uma celebridade. Apresentadora de serviço num canal de televisão. Costumava ser anfitriã de concursos de talentos musicais para gente que não sabia cantar em parceria com um cómico que o era sem o ser e que parecia anão a seu lado. Também representava em telenovelas. E era presença assídua em revistas de caixa de hipermercado. Pouco tempo antes, posara para uma revista de nus, mas o cuidado na produção e os retoques informáticos tinham conseguido apagar por completo todas as cicatrizes.

— Carla, não fiques assim! — disse uma voz rouca vinda do interior do gabinete. — Só quero que sejas cada vez melhor! Vanda, não a deixe sair.

A secretária largou a carta estendida, levantou-se e contornou a laje de mármore, colocando-se à frente da vedeta furiosa e tentando apaziguá-la com gestos atrapalhados e inúteis. Por comparação, parecia minúscula, gorda e disforme. Mesmo não o sendo.

Nesse momento, a mulher pareceu lembrar-se de alguma coisa que queria acrescentar e deu dois passos para a porta do gabinete. Mas o que tinha para dizer ou não lhe pareceu tão certo como idealizara ou acabou por se lhe varrer da memória no tempo necessário para percorrer a curta distância. Encontrou uma alternativa pronta e eloquente.

— Fode-te! — gritou, para dentro do gabinete. A seguir, virou-se novamente para a saída e recomeçou a andar, tentando contornar a secretária, que lhe ia dizendo:

— Tenha calma, Carla. O Sr. LaBouche só quer que seja cada vez melhor.

Ouvir aquilo pareceu enfurecê-la ainda mais.

— Aquele gordo nojento acha que preciso de trabalhar as cenas românticas! Eu! Que já ganhei três Pirâmides Douradas pelo melhor desempenho em telenovela! — O facto de a Gala das Pirâmides Douradas ser organizada pela estação televisiva que exibia as telenovelas premiadas era um pormenor que parecia não a incomodar grandemente. — Disse-me que não tenho intensidade!

Pareceu dar pela presença de mais alguém apenas naquele momento e voltou-se para o olhar com um esgar de repulsa.

A seguir, fechou os olhos, prendeu-lhe a cara nas mãos (que eram macias e perfumadas) e aplicou-lhe um beijo nos lábios (sabiam a gelado de morango) que fez os dentes chocarem. Júlio precisou de se apoiar na mesa de mármore, sentindo as pernas fracas. Numa parede, havia um quadro completamente branco dentro de uma moldura em talha dourada.

— Então? Parece-te que me falta intensidade? — perguntou a apresentadora à secretária. — Também achas que tenho de trabalhar as cenas românticas? — insistiu a atriz triplamente galardoada.

A secretária abriu a boca, mas não teve tempo de responder.

— Puta de merda — disse a voz do recém-chegado. Abriu a porta no meio de todo o alvoroço e assistira ao final do beijo. Teria trinta e poucos anos, testa alta, nariz muito direito, queixo quadrado e olhos de um azul quase impossível. Barba de vários dias e roupa cuidadosamente desmazelada.

— António! — exclamou a celebridade.

António, também ele célebre, colega de profissão e marido há pouco mais de um mês (os preparativos do casamento tinham alimentado jornais e revistas durante semanas, a boda merecera edições especiais e diretos televisivos, e os problemas conjugais quebravam recordes de vendas anteriormente estabelecidos) não disse mais nada. Levantou o braço direito e apertou o gatilho. A sua companheira em tantas capas de revista gritou e a secretária encostou-se à parede. Do interior do gabinete veio uma frase gritada que Júlio Mourão não conseguiu perceber.

Porque estava ocupado a olhar para a barriga e a tentar perceber a origem da mancha vermelha que alastrava pela sua camisa da sorte.

*

O seu sono foi longo e perturbado por sonhos estranhos. Revisitou a cena uma e outra vez na sua cabeça, multiplicando os tiros, o impacto da bala, o choque inicial e a dor intensa que se seguiu, já caído no chão enquanto as testemunhas e o culpado pareciam mais interessados em discutir o sucedido do que em socorrê-lo. Alguns sonhos poderão ter sido reais. Sobretudo os que envolviam médicos e enfermeiras debruçando-se sobre ele com expressões de preocupação variável.

Quando acreditava ter acordado de vez, o que viu ao entreabrir os olhos fê-lo pensar melhor. Era ela. A mulher que o beijara e que, de uma forma que ainda não percebia por completo, teria sido responsável pela situação em que agora se encontrava. Sorria-lhe. Mas havia qualquer coisa estranha na face. Enquanto tentava descobrir, ouviu-a falar.

— Todos os cabrões têm sorte — disse, sem mover os lábios e falando com voz masculina. Com uma voz masculina que lhe era familiar. A mão afastou-lhe a revista da cara. — Tiro de raspão e com direito a aparecer nas revistas. Esta é só uma. Apareces na capa de três. Conte-as no quiosque.

Era o seu irmão. De fato e gravata, como acontecia sempre que o via. Longe ia uma adolescência desperdiçada com companhias pouco recomendáveis, entregando-se a passatempos que o eram ainda menos. Ricardo Mourão tornara-se um profissional sério e ambicioso, com uma carreira invejável numa instituição financeira cuja natureza não era facilmente compreensível. Apesar de ser dois anos mais novo, não via na diferença de idade obstáculo que o impedisse de adotar diante do irmão uma postura adequadamente descrita como "paternalismo brejeiro".

— Cabrão — disse, repetindo o tratamento carinhoso. — Dormiste bem?

— Que fazes aqui? O banco está a pensar comprar o hospital?

— Não é um banco. Foi a mãe que me mandou visitar o seu segundo filho preferido. — Sorriu, orgulhoso. — E isto já é nosso. O teu amigo Flávio LaBouche insistiu que te trouxessem para aqui. O hospital privado mais caro de Lisboa para o menino. Ouve lá... tu e este LaBouche...?

Claro. A inevitável insinuação homossexual.

— Não gosto de homens. — Tentou endireitar-se na cama, mas as dores no abdómen fizeram-no pensar duas vezes. — Au! — exclamou. — Acho que ele também não. Pelo que ouço dizer.

— E daí? Não seriam os primeiros a mudar de ideias.

— Experiência própria?

Há cinco anos que dividia um apartamento com um professor de ginástica brasileiro e dois gatos. Nunca se preocupara com saídas de armário, mas também não tentava enganar ninguém, apesar de continuar a dizer as mesmas barbaridades dos seus tempos de heterossexualidade forçada.

— Hás de ser sempre o paneleiro da família, Juca. Não há volta a dar. — Depois de mais aquela pérola, voltou a erguer a revista. — Olha para isto. Escolheram bem a fotografia, hã?

Sem ter a capa colada à cara, era mais fácil apreciar o que se passava no papel. O título proclamava em letras amarelas e grossas: "CARLA PEREIRA MOTIVA TIROTEIO". A fotografia mostrava a atriz sorridente e vestida para um evento qualquer. Parecia completamente despreocupada com o título alarmista. Talvez fosse difícil encontrar uma fotografia em que aparentasse ter acabado de ver alguém levar um tiro por sua culpa. De um lado, uma fotografia circular de outro ator, o pistoleiro. "ANTÓNIO MAGALHÃES EM CHOQUE APÓS DISPARO ACIDENTAL DURANTE PREPARAÇÃO DE CENA - ATOR DE 'PAIXÃO REBELDE' ACOMPANHADO POR PSICÓLOGO."

— Disparo accidental? — leu Júlio.

— Que vos passou pela cabeça para ensaiarem com armas carregadas? — perguntou Ricardo.

— Ensaiar? Mas... — A seguir, percebeu a fotografia a que o irmão se referira. Era ele, a preto e branco, segurando o queixo com dois dedos e fitando o vazio com ar adequadamente introspetivo. Fora tirada para o material promocional de uma peça que escrevera anos antes. Um fracasso completo tanto de crítica como de bilheteira. O pior de tudo fora acusarem-no de ter plagiado um obscuro filme de Hollywood. Não fora intencional, mas, sem admitir a ninguém, reconhecia que as semelhanças eram suspeitas e que era muito provável que tivesse sido influenciado de forma subconsciente pelo filme em questão, tendo-o visto certa vez e esquecendo-se por completo da sua existência. Na altura, a fotografia deixara-o apreensivo. Com os anos, passou a achá-la ridícula. "AUTOR DE PEÇA QUE REÚNE CASAL MEDIÁTICO ATINGIDO POR DISPARO", dizia por baixo.

Era tudo muito confuso. Lembrava-se da secretária assustadora que lhe dissera que Flávio LaBouche deixara de estar interessado na peça. Mudara de ideias, dissera-lhe. "Sabe como são os génios." Teria sonhado? Ou estaria a sonhar naquele momento? Talvez nunca tivesse recebido carta nenhuma. Talvez o seu número de telefone não estivesse bloqueado porque um homónimo tinha passado tempo demais a ligar para linhas eróticas.

— E carcanhol como é? Vão pagar bem? — Ricardo ia direto ao seu segundo tópico preferido, logo a seguir ao questionamento boçal das orientações sexuais alheias.

Sem esperar resposta, começou a folhear a revista. — Duas páginas dedicadas ao acontecimento. — Voltou mais uma. — Não! Três! E meia! — Até vem aqui uma caixa com um perfil teu. — Leu por alguns instantes. — És um dos autores com maior potencial da nova geração de dramaturgos? E não avisavas?

Era o tipo de lugar-comum que sempre o irritava quando o via ser aplicado a outros, mas, vendo-o aplicado a si pela primeira vez, envergonhava-o admitir que não soava nada mal. Apesar de, ainda no dia anterior, o seu estatuto de autor frustrado permanecer incólume às três peças que já vira encenadas, uma delas, a primeira, tendo mesmo conhecido sucesso relativo entre o público dos vinte e cinco aos trinta e oito anos, claramente o segmento demográfico de gosto mais apurado.

Enquanto tentava determinar se estaria ou não a sonhar e qual o motivo do protagonismo que o sonho concedia ao seu irmão, o ligeiro ardor na barriga transformou-se em dor declarada. E não parou de aumentar de intensidade. Ricardo olhou-o, pareceu moderadamente incomodado (não se percebendo se o motivo era o desconforto aparente do irmão ou o facto de ter interrompido a leitura da revista por sua causa). Saiu, marcando com o dedo a página em que ficara, e voltou pouco depois, acompanhado por uma enfermeira gorda. Esta sorriu a Júlio, posicionou-se a seu lado e injetou o conteúdo de uma seringa no saco de soro pendurado ao lado da cama. Atrás dela, visto apenas pelo irmão, Ricardo inflava as bochechas numa cruel imitação de obesidade. Foi a última coisa que viu antes de fechar novamente os olhos.

*

— Estás mesmo a abrir os olhos ou é só outro ameaço?

Estava. E via Luísa sentada ao lado da cama, com os pés em cima do colchão. Era o segundo dia que passava no hospital. As dores passaram a ser suportáveis e o médico dissera-lhe que, num hospital público, nem sequer teria sido internado. Ali, naquele hotel de cinco estrelas para doentes, passaria mais um dia em observação. Apesar de já não serem necessários, continuava a apreciar muito os sonos profundos induzidos e, mesmo com a televisão de noventa canais e o computador com ligação à internet, o momento alto dos seus dias enfadonhos era quando uma enfermeira vinha injetar no saco de soro a mixórdia química que o adormecia pouco depois.

Outro ponto positivo era a comida. Mas parecia-lhe que ia falhar uma refeição. Não por não ter apetite, mas porque Luísa acabava de esvaziar um prato que parecia conter resquícios de um empadão.

— Há quanto tempo estás aqui? — perguntou-lhe.

— Vim a tempo de apanhar a comida. Estava esganada. — Ergueu a última garfada e falou com a boca cheia. — A sopa não está grande coisa. Precisa de sal. Deixei-ta quase toda. Mas o empadão... — Apertou o lóbulo da orelha com dois dedos depois de pousar o prato no tabuleiro e enquanto limpava a boca com o guardanapo de pano. A seguir, pôs-se a admirá-lo. Era branco e tinha o símbolo do hospital bordado. Parecia ponderar se deveria ou não guardá-lo no bolso. Acabou por decidir não o fazer. — Então conta lá. Levar um tiro é tão divertido como parece?

— Mais ainda — respondeu Júlio. — Não trouxeste o Paulo contigo? Gostava de o conhecer.

— O Paulo não sabe que tu existes. Mas é provável que isso mude. Agora que tens a fama a bater-te à porta.

— Ah. Não sabia que lias revistas cor-de-rosa.

— Quando falam de antigos namorados na capa, leio sempre. — Levou a mão a uma pequena taça de pudim colocada no tabuleiro e procurou a colher. — Já ouvi falar de ascensões meteóricas, mas acho estranho teres recebido a carta num dia e, no dia seguinte, estares já a ensaiar a peça. Tenho motivos para me cheirar a esturro ou estou outra vez a ser afetada pela minha desconfiança extrema do mundo em geral?

— É uma história confusa.

Luísa encontrou a colher e levou à boca uma colherada de pudim. Avaliou-o por um instante antes de estalar os lábios em aprovação.

— Tenho tempo.

— Não disse que era longa. É confusa. Também não percebo bem o que aconteceu. Só sei o que li nas revistas que o meu irmão e os meus pais me trouxeram. Ainda estão aí... — Apontou a pequena pilha de revistas na mesa de cabeceira.

— Resume — pediu Luísa. — Estou a comer.

Resumiu-lhe o sucedido durante a sua curta e frustrante visita ao escritório da *LaBouche & Associados* enquanto via o pudim desaparecer a colheradas largas.

— Nunca beijei ninguém com *botox* nos lábios — disse, pousando a taça vazia no tabuleiro. — Que tal é?

— Doloroso. Segundos depois, aparece alguém e dá-te um tiro.

— Hmm... Realmente é estranho — considerou Luísa, unindo as pontas dos dedos abaixo do queixo na sua postura de pessoa que finge refletir. — Talvez a tipa que está lá fora ajude a esclarecer isso. — Olhou o tabuleiro, desconsolada. — Achas que podes pedir vinho?

— Tipa? Qual tipa?

— Não a conheço. Vanda de não sei quê. De Sousa. Ruiva falsa. Pencuda. Olhos verdes. Veste-se com trapos caros e horríveis. Ei. O nome dela não vinha na carta?

Júlio desejou ardentemente que a enfermeira entrasse e o pusesse a dormir.

— Sim — respondeu. — Porque ficou lá fora?

— Bateu à porta e perguntou se podia entrar. Disse-lhe que ia ver. Estavas a dormir e não te quis acordar. Pode entrar?

— Há quanto tempo lá está?

— Meia hora. Quarenta minutos. Não sei. Menos de uma hora sem dúvida.

Era possível que já lá não estivesse. Desejou que fosse o caso.

— Diz-lhe que entre.

Luísa levantou-se, contrariada, e foi até à porta. Abriu, enfiou a cabeça do lado de fora e voltou pouco depois, ocupando a sua cadeira ao lado da cama e erguendo um cacho de uvas do tabuleiro.

O sorriso foi a primeira coisa a entrar. O resto de Vanda de Sousa veio por arrasto. Toda a sua roupa tinha o mesmo tom de castanho e trazia qualquer coisa nas mãos. Era um vaso. Pousou-o na mesa de cabeceira e, mesmo de tão perto, Júlio não conseguiu perceber o que continha.

— Que linda — disse Luísa, esforçando-se por conter a gargalhada e merecendo à recém-chegada um sorriso que tinha tanto de amoroso como de homicida.

Era uma flor. Um caule escuro e torcido coroadado com pétalas que faziam lembrar orelhas caídas de cão e pareciam secas. Exalava um cheiro pungente a sovaco.

— E que bem cheira — acrescentou Luísa, enfiando três uvas na boca em simultâneo.

— Obrigado — agradeceu Júlio. Era seu dever de enfermo agradecer a visita e o presente que tornaria nauseabundo o quarto luxuoso e agradável. Até pedir à enfermeira que o levasse para o lixo, claro.

— O Sr. LaBouche pediu-me para lhe transmitir que lamenta muito. — O sorriso foi temporariamente substituído pela expressão de pesar fingido, regressando logo a

seguir, depois de olhar de relance as revistas ao lado da planta. — Presumo que já saiba a boa notícia.

Júlio acompanhou-lhe o olhar.

— O ensaio da peça? Sim. Mas estou um pouco confuso. Lembrava-me de a ter ouvido referir uma mudança de ideias.

Os cantos da boca esticaram-se um pouco mais, mostrando mais gengiva.

— Sim, mas, depois do que sucedeu, houve outra mudança de ideias. São frequentes nas grandes mentes criativas. O Sr. LaBouche esteve a olhar melhor para o texto que nos enviou e decidiu que tem muito potencial. Vai ficar satisfeito por saber que o contrato está pronto a assinar e que a produção já dá os primeiros passos. Os termos do acordo são muito generosos.

— A encenação da peça não é só para o calar e impedir que conte o que realmente aconteceu, pois não? — perguntou Luísa, mastigando a última uva e atirando o esqueleto do cacho ao tabuleiro. Falhou o alvo.

Vanda de Sousa olhou-a, permitindo-se um instante de ultraje.

— O Sr. LaBouche é o maior encenador do país. O maior nome do teatro contemporâneo. As suas peças são sempre sucessos estrondosos. — De bilheteira, pelo menos. O sucesso crítico dependia muito da amizade entre avaliador e encenador e do custo da sua apreciação favorável e sem reservas. — O impasse deveu-se sobretudo às dificuldades em encontrar o elenco adequado. — Virou-se novamente para Júlio e voltou a sorrir-lhe. — Já temos protagonistas.

— Carla Pereira e António Magalhães — disse Júlio, indicando as revistas com o queixo.

— Precisamente — confirmou o sorriso radiante e possivelmente homicida.

— Não incomoda ninguém que um dos protagonistas me tenha dado um tiro?

O sorriso inverteu-se mais uma vez.

— O António está profundamente agastado com o sucedido. Mas o acompanhamento psicológico está a resultar e temos confiança na sua recuperação plena.

— Espero que não sofra muito por ter disparado contra mim.

— Foi um acidente infeliz.

— Não me pareceu nada accidental. Mas talvez a bala tenha apagado algum pormenor essencial à compreensão da cena.

A secretária sorriu-lhe com a boca e com as pálpebras como se tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

— Para que papéis foram escolhidos? — perguntou Júlio.

Após um segundo de hesitação, Vanda de Sousa respondeu:

— Esse pormenor ainda não foi decidido.

— Talvez para os papéis da galdéria com mamas de silicone e do cocainómano com dedo nervoso no gatilho — tentou adivinhar Luísa.

A secretária esforçou-se por ignorar o comentário e sorriu ainda mais.

— Tenho direito a opor-me à escolha? — perguntou Júlio.

— A decisão final é sempre do Sr. LaBouche. Esse ponto não é negociável.

— Bem me parecia.

— Seja como for, haverá tempo para alinhavarmos pormenores. Por enquanto, o que mais importa é a sua total recuperação. O Sr. LaBouche manda dizer que se responsabiliza por todas as despesas. Quando tiver alta e se achar capaz de voltar ao trabalho, contacte-nos.

«De voltar ao trabalho.» Júlio sorriu. Como se estivesse a trabalhar antes.

— Muito bem — disse.

Vanda sorriu-lhe uma última vez em jeito de despedida, partilhou brevemente o sorriso com Luísa, que se ocupava a olhar pela grande janela ao lado da cama e não retribuiu, e saiu do quarto, fechando a porta com muito cuidado.

— Vais alinhar nesta palhaçada? — perguntou a principal responsável pela fome que Júlio começava a sentir. Felizmente, as despesas pelas quais LaBouche se responsabilizaria incluíam o pedido de mais comida. Esperava que não houvesse nenhum motivo médico a desaconselhar o aparente acesso de gula.

— Vou ver no que dá — respondeu, olhando a flor na mesa de cabeceira.

Luísa levantou-se, pegou no vaso, levou-o até um canto do quarto e enfiou o presente malcheiroso dentro do armário que aí havia. A seguir, voltou para junto da cama e beijou Júlio na face.

— Tenho de ir. Obrigado pelo almoço. — Já com a mão na maçaneta da porta, voltou-se para trás. — Ah. E tem cuidado com aquela gaja. É completamente psicopata.

Júlio sorriu enquanto a porta se fechava. Era muito positivo ter alguém a partilhar as suas opiniões cruéis e escassamente fundamentadas acerca de pessoas que mal conhecia.